

LIVROS NOVOS

ARTUR TORRES

GLADSTONE CHAVES DE MELO : Iniciação à filologia portuguesa — Edição da "Organização Simões". Rio — 1951, com 300 páginas, formato pequeno.

Como trabalho destinado a ministrar conhecimentos básicos aos que se iniciam nos estudos de filologia portuguesa, a obra do prof. Gladstone Chaves de Melo prestará, sem dúvida, serviço apreciável, merecendo por isso os nossos sinceros aplausos.

Os mais interessantes assuntos de filologia são aí expostos com clareza e simplicidade, com método louvável, e com orientação geralmente boa.

Compreende nada menos de 20 capítulos, alguns dos quais merecedores de encômios, ao lado de outros que deixam impressão destoante e até mesmo desagradável pelas referências pessoais e ofensivas a certos vultos de nossa filologia.

Todos nós, que estudamos com seriedade e carinho a nossa língua, temos de combater a influência nociva de autores que, não possuindo a necessária formação científica, levam a ministrar noções errôneas de gramática e de filologia, movidos, muitas vezes, por vaidade ou, ou que é pior, por espírito de mercantilismo.

Em nosso folheto sobre o idioma português falado no Brasil, também tivemos oportunidade de combater esses pretensos filólogos, esses pseudo-gramáticos e esses falsos puristas, os quais não escaparam à ironia contundente do grande Eça.

Mas, no livro do prof. Chaves de Melo, essa preocupação, longe de nos dar idéia de uma prudente advertência aos que se iniciam nos estudos dessa matéria, com o intuito louvável de sanar as deficiências do autodidatismo, assume o aspecto impressionante de uma verdadeira obsessão.

Ora, um autor que aspira ao título de "orientador" de uma ciência qualquer, há de ser, antes de tudo, sereno, probo e desapaixonado, evitando as referências pessoais, as ironias ofensivas e as omissões injustas.

Em seu prestante livro, o prof. Chaves de Melo, prodigalizando os mais pomposos adjetivos a filólogos de sua amizade, omite o nome dos que lhe não saíram na simpatia, geralmente por terem feito alguma bem intencionada restrição a seus trabalhos, ou, quando os menciona, é para crivá-los de frases chistosas, de referências ofensivas, não respeitando nem mesmo a memória dos que já não podem mais defender-se.

Querem uma prova? Leiam esta referência a Cândido de Figueiredo, que se acha à página 70 do livro de estudo:

"Os livros de Cândido de Figueiredo, pelo grande mal que têm feito devem ser queimados com solenidade, para exemplo às novas gerações".

Na mesma página, ao combater furiosamente compêndios, manuais e gramaticazinha (sic) que nada valem, segundo seu modo de ver, o autor não se limita a uma prudente advertência aos principiantes.

Ao contrário, usa expressões incompatíveis com a seriedade de uma obra de ciência: "Muitos de tais livros devem ser queimados porque, atirados ao lixo, podem ser aproveitados por alguém, o que não deve acontecer".

Cândido de Figueiredo, com tôdas as suas deficiências, com todos os seus erros, prestou à nossa língua serviço que não podemos deixar de reconhecer. Além disso, numa época de escassa cultura gramatical e filológica, êle despertou o interesse dos estudiosos para o estudo de nosso idioma, incentivando-os, estimulando-os. Querem ainda lembrar que Rui Barbosa não se correu de considerá-lo "a maior das nossas competências atuais, em matéria de lexicologia portuguesa".

Respeitemos-lhe, portanto, a memória, se é que as suas obras não merecem respeito.

Tirante essas falhas, que a sinceridade manda apontar, louvamos o esforço do ilustre autor, cujo nome vai-se firmando cada vez mais no espinhoso terreno da filologia.